

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

ELSA BATISTA PEREIRA MARTINS

**HISTÓRIAS DE VIDA E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS:
AS POSSIBILIDADES DE RELACIONAR HISTÓRIAS DE VIDA E
CONTEÚDOS FORMAIS DA ESCOLA**

**Porto Alegre
2010**

ELSA BATISTA PEREIRA MARTINS

**HISTÓRIAS DE VIDA E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS:
AS POSSIBILIDADES DE RELACIONAR HISTÓRIAS DE VIDA E
CONTEÚDOS FORMAIS DA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS

**Orientadora:
Profa. Dra. Gláucia de Souza**

**Tutora:
Letícia Figueiredo**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitoria de Graduação: Profa. Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –

Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

Neste importante momento de conclusão de curso gostaria de agradecer a algumas pessoas que foram fundamentais nesta caminhada.

À minha família que me apoiou, que foi compreensiva nos meus momentos de ausência que o curso exigiu, que torceu por mim, que sorriu com as minhas conquistas e que me acalmou nos momentos de angústia.

A toda comunidade escolar Zaira Hauschild, que acompanhou passo a passo estes quatro anos e meio na UFRGS, sempre acreditando na minha vitória.

A todos os colegas do curso e equipe do pólo de São Leopoldo, que muito me ensinaram, sobretudo que este curso á distância é caracterizado pelo espírito de solidariedade.

As colegas e amigas: Carla, Cleide, Luciane e Nilsa que sempre foram um grupo de apoio dentro deste curso. Todas tão diferentes, mas essenciais na troca, na escuta, na busca de soluções, tornando mais fácil a tarefa de ser mãe, esposa, professora e aluna.

A todos os professores e tutores do curso que através de suas mediações ajudaram a construir minhas aprendizagens, me aperfeiçoando como profissional e favorecendo o meu crescimento como ser humano.

RESUMO

As experiências de vida e os saberes escolares devem caminhar juntos a fim de produzirem aprendizagens significativas para os alunos. O presente trabalho de conclusão faz uma análise do período de estágio onde a partir de um projeto de trabalho, cujo fio condutor foi a identidade dos alunos, serviu para articular e sistematizar os conteúdos formais da escola. Ainda que este tema esteja centrado nos conteúdos de Estudos Sociais, sua aplicação possibilitou uma ampliação para várias áreas do conhecimento, estendendo-se para as áreas de Linguagem, Artes, Matemática, Ciências e Tecnologia. Conhecer as histórias de vida dos alunos implica diretamente a participação dos pais, que são fontes orais de memória, que falam à criança de um tempo em que ela não se lembra. Para dar mais relevância à importância do papel dos pais nesse trabalho foi-lhes entregue um questionário através do qual puderam expressar seus sentimentos. Entretanto, não basta apenas conhecer as histórias de vida dos alunos, é preciso que, a partir delas, sejam produzidos novos conhecimentos, através da mediação do professor e da interação no trabalho em grupo, respeitando o plano de estudos do ano em curso. Para saber como os professores de séries iniciais encontram possibilidades de relacionar histórias de vida e conteúdos formais da escola, foi elaborado um questionário para vários educadores em diferentes realidades, com o objetivo de conhecer o que pensam sobre o tema estudado.

Palavras-chave: Histórias de Vida. Conteúdos Formais. Projeto de Trabalho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escrita livre dos alunos.....	30
Figura 2 – Escrita formalizada.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 COMEÇA O ANO LETIVO.....	11
2.1 Conhecendo os alunos e o plano de estudos.....	11
3 ELABORAÇÃO DO PROJETO.....	15
3.1 A organização dos dados.....	15
4 A INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDOS E AS RELAÇÕES COM A VIDA DOS ALUNOS.....	20
4.1 O letramento.....	20
4.2 Matemática.....	21
4.3 Artes.....	22
4.4 Ciências.....	22
4.5 Tecnologia.....	23
5 QUESTIONÁRIO COM OS PAIS DOS ALUNOS.....	25
5.1 A voz dos pais.....	25
6 QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES.....	27
6.1 A voz dos professores.....	27
7 A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR.....	29
7.1 A formalização dos conteúdos.....	29
7.2 O trabalho em grupo.....	31
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DOS PAIS.....	37
APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DOS PROFESSORES.....	37
APÊNDICE C - MODELO DO QUESTIONÁRIO DOS PAIS.....	38
APÊNDICE D - MODELO DO QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES.....	40
ANEXO A – COMUNIDADE ESCOLAR.....	42
ANEXO B – FAMÍLIA.....	42

1 INTRODUÇÃO

Pretendo fazer o magistério. Esta era a minha fala, aos 14 anos de idade, prestes a concluir a 8ª série. E assim, três anos depois, em 1980 me formei, porém em contabilidade, pois o curso de magistério não tinha no município em que morava com meus pais. Concretizei o sonho adolescente, em 1990, já na idade adulta.

No ano em que completei 15 anos como professora de séries iniciais, no município de São Leopoldo, entrei para o curso à distância de pedagogia (PEAD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esta busca pela formação superior possibilitou, enquanto aluna deste curso, aliar a minha prática de sala de aula com as teorias apresentadas em muitas das interdisciplinas, ao mesmo tempo me deparava com questões que envolviam minha trajetória de vida. Não imaginava que em muitos momentos teria de resgatar as minhas experiências profissionais e pessoais.

Enquanto fazia estes resgates, também me apropriava da tecnologia, tão necessária para esta modalidade do curso, e ao mesmo tempo realizava leituras refletindo sobre o “ser professor”.

Esta preocupação em considerar quem são os sujeitos que fazem parte do PEAD, suas trajetórias e experiências, foi um dos fatores que contribuiu para que eu não desistisse do curso. Meus conhecimentos de informática eram mínimos, não sendo diferente para os demais colegas, salvo raras exceções. O primeiro semestre foi de superação das dificuldades iniciais ao retomar os estudos e de contato com o desconhecido mundo digital.

No segundo semestre, estudando sobre infância e a escola numa perspectiva histórica, tivemos que buscar a nossa própria infância recorrendo a irmãos mais velhos, tios, pais, pesquisa na internet, a fim de construir um memorial da infância. Além disso, participamos de um fórum sobre memórias, descobrindo que muitos de nós, do curso à distância, temos lembranças de músicas e roupas que marcaram épocas no final dos anos 70 e início dos anos 80.

E o curso seguia com muitas leituras, reflexões e cada vez com mais uso dos recursos digitais, até que chega o momento em que precisamos colocar em prática algumas das teorias e experiências vivenciadas. No eixo IV, a interdisciplina de Seminário Integrador solicita que cada aluno crie um plano individual de estudos, com o objetivo de

desenvolver a autonomia discente. A ideia era aprofundar um estudo de uma ou mais das interdisciplinas vistas até então, em determinado conteúdo para ser aplicado com os nossos alunos. Este plano e as atividades desenvolvidas a partir dele deveriam ser postadas no blog, usando o marcador plano individual.

Fiz um levantamento do que já tínhamos estudado e das interdisciplinas que estavam em curso, verificando as possibilidades de construir um projeto, que contemplasse a função que estava exercendo naquele ano de 2008, que era a de professor ²¹. Atendia um primeiro ano, um segundo ano, um terceiro ano e uma terceira série (atual quarto ano). Este plano era bastante flexível, pois poderia ocorrer ao longo do semestre, inclusive poderia ser uma vez por semana. Optei então, pela turma de terceira série, fazendo um plano individual contemplando a temática do meio ambiente com artes visuais. Também este plano procurou trazer estudos sobre Monet e Tarsila do Amaral. Entretanto, queria fazer algo que não ficasse longe da realidade do aluno. E as outras disciplinas que estava cursando naquele semestre, traziam novas ideias e enriqueciam o meu projeto. Com a interdisciplina de ciências, aprendi a ver as concepções dos alunos da natureza. Também estava cursando a interdisciplina de estudos sociais, onde foi solicitado que elaborássemos uma atividade contemplando uma temática que envolvesse grupos sociais, mas também que relacionássemos com a história do município, estado, país, com a história de vida dos nossos alunos. Não havia a necessidade de colocar esta atividade em prática, mas depois das leituras e de ter elaborado a temática, queria ver o resultado com os alunos. Novamente escolho a turma da terceira série para aplicação da temática, onde já estava fazendo o plano individual. Foi preciso um planejamento cuidadoso, pois queria ver como esta atividade poderia ser relacionada ao ensino da arte. Os alunos levaram uma entrevista para ser preenchida com ajuda dos pais com dados sobre a vida deles tais como: idade, local de nascimento, motivo do nome, porque moram em São Leopoldo, profissão dos pais, lazer, etc. Pedi ainda uma descrição do berço, registro de nascimento e fotos deles ainda bebê.

Na aula seguinte ao chegar na sala, vejo uma turma empolgada, com seus questionários respondidos, com fotos e lembranças de quando eram bebês. Sentamos em círculos e começamos a fazer a análise do material coletado, começando pela importância da certidão de nascimento, os anos em que eles nasceram, a cidade, as idades... e os alunos percebiam que as vezes pertenciam a um grupo e em outras

¹ Assim chamado no município de São Leopoldo, até o ano de 2008, o professor que desenvolvia as atividades de artes, ensino religioso, meio ambiente e educação física, as aulas aconteciam uma vez por semana com quatro horas de duração. O atendimento acontecia em quatro turmas.

situações a outro. Finalmente chegamos no berço, e o que percebemos foi que eles se pareciam, já que todos tinham pouca diferença de idade. Isto permitiu concluir que em determinadas épocas, existe um certo padrão para móveis, roupas, carros.

Com o pensamento de época diferente, os alunos fizeram uma leitura da imagem da obra “O Berço” de Monet de 1867, estabelecendo semelhanças e diferenças com um quarto atual de bebê. Após a fala oral passamos para a análise escrita e posteriormente para um trabalho artístico, onde os alunos a partir da obra analisada, criaram um quarto atual de criança, conforme a visão de cada um.

O trabalho seguiu com muito interesse da parte dos alunos, mesmo acontecendo uma vez por semana, durante um mês. Aprendi a conhecê-los melhor. Com as informações coletadas cada um construiu um pequeno livro onde escreveu sobre sua vida e pretensões para o futuro. Sempre deixava um tempo reservado para as trocas. Ao mesmo tempo percebi as muitas possibilidades que este trabalho abria: pertencimento de grupo, linguagem oral e escrita, tempo e espaço, contato com a arte. Mas o ponto de partida era a identidade do aluno.

O semestre na UFRGS acabou, mas o projeto de artes e meio ambiente com os alunos prosseguiu até setembro, procurando estabelecer conexões com a realidade dos alunos e a parte formalizada do conhecimento da arte.

No ano de 2009, continuei como professora de projeto, denominada como regente dois, não sendo mais responsável pela educação física. Desta vez tinha três turmas de quartos anos com as quais desenvolvi artes, meio ambiente e ensino religioso. Aperfeiçoei o meu plano individual, e fiz adaptações para cada turma, já que apresentavam maneiras muito diferentes de compreender o mundo. Entretanto, centrava o projeto na identidade do aluno, na sua história de vida. Nas três turmas, os alunos igualmente se entusiasmavam e queriam mais aulas durante a semana. Participava dos conselhos de classe em final de trimestre, e me surpreendia ao ver que o professor regente da turma, que trabalhava muito mais horas com o aluno, desconhecesse fatos da vida do aluno que eu sabia. Certas indagações começaram a surgir: eu conhecia a vida dos alunos porque trabalhava a identidade? Por que conversava muito com eles na minha aula? Ou porque sendo professora de projeto não tinha preocupações conteudista? Estar na regência de classe me impediria de realizar um trabalho centrado na vida do aluno?

Neste ano de 2010, assumi a regência de um quarto ano, turma na qual estagiei. O trabalho foi centrado nas histórias de vida dos alunos, procurando relacionar com os conceitos formais da escola, que é o tema do presente trabalho de conclusão, tendo na

interdisciplina de representação do mundo pelos estudos sociais seu maior embasamento.

Entretanto haveria um grande caminho a ser trilhado, pois para relacionar as histórias de vida dos alunos com os conteúdos formais da escola, antes de mais nada seria necessário conhecer um pouco da vida de cada educando. Isto exigiria muita pesquisa, pois para aprender sobre a própria história contamos com as memórias, que podem ser as nossas, as de outras pessoas, a de objetos e de documentos. Ao mesmo tempo, precisaria saber como tratar as informações conseguidas com os alunos, que tipo de registro faríamos.

Trabalhar com histórias de vida, também deve abrir perspectivas para a integração com outras áreas de conhecimentos, tais como a matemática, a linguagem, as artes e a ciência, respeitando o plano de estudos apresentado pela escola. Em quais momentos as possibilidades destas relações são maiores?

O que outros professores pensam sobre relacionar conteúdos escolares e história de vida de seus alunos? Através de uma pesquisa de campo com professores de séries iniciais, procurei saber se conseguem ver estas possibilidades.

E os pais dos alunos que tiveram que participar de muitas pesquisas respondendo aos filhos sobre a própria vida e a história da criança como viram este trabalho? Perceberam o fundamento ou não compreenderam o que estava acontecendo? Para conhecer o que os pais acharam do trabalho que também os envolveu, realizei um questionário fazendo esta abordagem.

Quais os resultados deste trabalho com o grupo de alunos? Houve envolvimento? Que melhoras apresentaram cognitivamente e nas relações pessoais? Conseguiram fazer trocas entre eles? Como aconteceu a minha mediação como professora para possibilitar o crescimento do aluno nos conhecimentos formais?

Para realizar este trabalho, fundamentei principalmente nas teorias de Antunes, Menandro e Paganelli (1993) adaptando a prática para a realidade na qual trabalho. Apresenta também muitas ideias de Paulo Freire (1987; 1996) que inspiraram este trabalho, em virtude de acontecer em uma turma na qual existe a defasagem idade e ano escolar.

2 COMEÇA O ANO LETIVO

A cena se repete a cada início de ano letivo. Reunião de professores, avisos gerais, distribuições de turmas por anos/séries, entrega da lista com os nomes dos alunos para cada professor e uma cópia do plano de estudos da escola (substituiu os antigos planos de curso) para quem tiver dúvidas nos conteúdos a serem trabalhados. Mas as expectativas vão muito mais além deste ato de receber uma lista com nomes. Atrás destes nomes uma pessoa, uma história de vida. Neste capítulo abordarei, as minhas primeiras descobertas em relação ao grupo de alunos, a seleção dos conteúdos a serem trabalhados a fim de possibilitar conhecer as histórias de vida dos alunos estabelecendo relações com os conceitos formais da escola. Muitas destas descobertas foram acontecendo ao longo do curso do PEAD, aliada a uma prática, que atualmente completa dezoito anos, na mesma comunidade escolar.

2.1 Conhecendo os alunos e o plano de estudos

Com a lista de chamada na mão, passei um rápido olhar, na tentativa de identificar quem seriam os meus alunos. A primeira coisa que me chamou a atenção foi a turma em tamanho reduzido formada por 17 alunos. Recebi a informação da supervisão que estes alunos vinham de uma classe que tinha um caso muito difícil de uma criança de inclusão no ano anterior. Embora esta criança não fizesse mais parte desta turma no atual ano, os alunos permaneceram juntos, pois não houve mais solicitação de matrícula. Olhei rapidamente a minha lista, e quatro alunos eram nomes que eu conhecia. Com três alunos, eu havia trabalhado como professor dois em anos anteriores. Todos deveriam estar em séries mais avançadas. O quarto, já tinha sido meu aluno em 2007 na segunda série, não sabia nem se frequentaria a escola, pois se encontrava em recuperação de um coma e não havia comparecido á escola durante o ano de 2009. Os demais eram totalmente desconhecidos, uma vez que eles pertenciam ao turno da tarde e eu estava na escola somente pela manhã. No primeiro dia de aula cheguei no pátio para chamar os alunos pela lista. Eles me ajudaram a encontrar os demais colegas. Com a turma organizada e ainda incompleta, pois nem todos vieram a aula no primeiro dia, entramos

na sala. Estava diante daquela turma, tendo a regência de quarto ano pela primeira vez. Até o final da semana conheci todo o grupo de alunos que trabalharia no corrente ano.

Um grupo se forma – ou se define – quando há interesses comuns entre as pessoas, objetivos comuns, ou então elas exercem uma mesma atividade. Sendo assim é fácil concluir que uma pessoa pode pertencer a diversos grupos ao mesmo tempo. (ANTUNES; MENANDRO; PAGANELLI, 1993, p. 10).

Os interesses comuns eram bem visíveis, todos estavam ali para cursar o quarto ano na condição de estudantes. Mas fora da escola a que outros grupos pertencem? Quais valores trazem? Como vivem? Onde vivem? Pensando nestas questões é que pretendia realizar o meu trabalho como professora, não esquecendo que a escola possui uma organização formal, expressa em seus planos de estudos. Este era o desafio: aliar os conteúdos formais e as experiências de vida dos alunos.

Em conversa com os alunos, percebi que apresentavam uma defasagem entre idade e ano escolar. Dos dezessete alunos, somente cinco estavam na idade que correspondia ao quarto ano. Confirmei as idades nas fichas dos alunos que ficam arquivadas na secretaria da escola e comprovei que estava diante de um grupo de alunos marcados pela repetência.

Freire (1987), fala que poderiam ser citados exemplos de muitos planos políticos e docentes que falharam porque os seus realizadores não levaram em conta a quem se dirigia seu programa, a não ser a sua visão pessoal da realidade.

Estava diante deste grupo de alunos, tentando mapear a realidade desta turma: idades entre 9 e 11 anos, pertenciam a quatro comunidades diferentes, somente cinco alunos vinham estudando juntos desde o primeiro ano, os repetentes do atual ano se encontravam ali, bem como as matrículas novas. Contava também com um caso de inclusão, este era o aluno que citei acima e que não havia frequentado a escola no último ano, devido ao coma.

Com o plano de estudos do quarto ano na mão, fui selecionando os conteúdos que poderiam ser mais significativos. Como pretendia trabalhar histórias de vida, procurei dentro dos objetivos de estudos sociais os que poderiam ser mais adequados para esta finalidade. Selecionei os seguintes objetivos: reconhecer os diferentes hábitos e costumes das culturas que se relacionam no meio; localizar-se no município em que vive, explorando sua história, geografia, cultura e economia; realizar pesquisas, visitas, buscando conhecer e respeitar diferentes culturas.

Procurando definir o que é cultura encontro a seguinte diferença:

O termo 'cultura', em seu sentido antropológico, significa o conjunto das criações materiais ou não, de um povo ou grupo social. É portanto, um conceito neutro, despido de sentido valorativo. Nesse sentido ele corresponderia exatamente ao termo 'civilização'. Mas infelizmente o que se constata na maioria dos trabalhos dos historiadores do mundo ocidental e, sobretudo, nos livros didáticos, é uma diferenciação entre os dois termos: aplica-se a palavra cultura aos grupos sem escrita, ditos 'primitivos' e o termo civilização aos povos de cultura mais complexas, já possuidores de escrita e de um tipo de organização mais elaborado. (ANTUNES; MENANDRO; PAGANELLI, 1993, p. 24).

Para os objetivos de estudos sociais, a cultura é entendida aqui como as criações materiais ou não de um povo ou grupo social. Pesquisando nos Parâmetros Curriculares Nacionais, percebo que estudos sociais foi desmembrado em história e geografia, embora eu como aluna do curso de pedagogia tenha cursado a interdisciplina como estudos sociais. Igualmente o plano de estudos da escola também não faz esta separação. Dentro dos PCN'S (BRASIL, 1997) para história no 2º ciclo (o que corresponderia ao quarto ano), encontro algumas orientações que vêm de encontro para melhor desenvolver um trabalho sobre histórias de vida.

Levantamento de diferenças e semelhanças das ascendências e descendências entre os indivíduos que pertencem à localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes.

Estudo das famílias dos alunos: origem geográfica das famílias (países, continentes ou outras regiões nacionais), época de deslocamento da família para região, lembranças da família sobre as razões e as trajetórias de deslocamentos, época de chegada na localidade, proximidade temporal com o tempo da chegada, costumes mantidos como tradição (comida, vestimentas, língua, religião, modalidades de trabalho, festas, tradições, lendas e mitos, especificidades no vocabulário);

Estudo dos costumes de diferentes regiões: identificação de populações locais que possuem descendência diferenciada, suas descendências e costumes específicos. (BRASIL, 1997, p. 48).

A redação dos PCN'S, também diz que o professor, é quem deve fazer as adaptações necessárias. Para trabalhar o município, cultura e localização, pareceu um bom caminho buscar nas famílias dos alunos as origens étnicas, os motivos pelos quais moram na cidade de São Leopoldo, as cidades de origem dos pais e os diferentes hábitos de cada família.

Para o ensino de português, o plano de estudos apresenta-se de maneira bem ampla, orientando para leitura e compreensão de textos diversificados e suas finalidades a fim de desenvolver a linguagem oral e escrita para compreensão do mundo e da

realidade a sua volta. Produção de diferentes tipos de textos, aplicando os conhecimentos escritos. Além de adjetivos, substantivos e verbos.

Dentro da matemática, aparece a resolução de problemas com as quatro operações, a fim de compreender e relacionar sua necessidade para a resolução do cotidiano. Além de introduzir a unidade de milhar, a divisão e a construção da tabuada.

Para o estudo de ciências o objetivo que melhor se adaptaria seria o de conhecer a importância do nosso Rio dos Sinos e porque devemos preservá-lo.

Compreender a arte como manifestação cultural de um povo e de sua identidade (entendendo arte como várias formas: música, dança, teatro, artes visuais).

Estava selecionada a parte de conhecimentos formais conforme o plano de estudos. O objetivo agora era saber como a aplicação aconteceria visando respeitar as trajetórias de vida dos alunos.

Para acontecer a relação entre histórias de vida dos alunos e conteúdos formais do quarto ano, seria necessário montar um projeto de trabalho que permitisse saber de suas vidas e ao mesmo tempo sistematizar os conhecimentos de forma globalizada, conforme descrevo no próximo capítulo.

3 ELABORAÇÃO DO PROJETO

Para desenvolver o trabalho de forma globalizada, articulando conteúdos e experiências dos alunos favorecendo a aprendizagem seria necessário montar um projeto de trabalho com uma temática abrangente. Neste capítulo abordarei como a elaboração do projeto foi fundamental para planejar os objetivos a serem trabalhados dentro de uma previsão provável de tempo bem como a maneira de organizar as informações transformando em conhecimentos. Traz também uma análise do que foi possível aprender sobre a vida dos meus alunos.

3.1 A organização dos dados

Para Hernández e Montserrat (1998), os projetos de trabalho vincula-se a perspectiva do conhecimento globalizado. É uma forma de organizar a atividade de ensino e aprendizagem. A função é favorecer a criação de estratégias de organizações das aprendizagens escolares relacionado ao tratamento das informações e a partir de problematizações levantar hipóteses para possibilitar a construção do conhecimento dos alunos transformando os diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio. O projeto pode organizar-se seguindo um determinado eixo, uma temática que valha a pena ser tratada por si mesma.

Neste caso, a temática que considerei relevante foi a identidade do aluno, que vinha ao encontro de trabalhar as histórias de vida. Pela abrangência do tema, fiz a divisão em três etapas. Na primeira etapa desenvolvemos a temática, “Onde moro?” na segunda, “Com quem moro e convivo?” e na terceira e última “Por que moro aqui?”

Uma vez escolhido o projeto e estabelecida as perguntas a que se quer responder, Hernández; Montserrat (1998), orientam para que os professores realizem outras atividades tais como: especificar qual será o fio condutor, que permitirá avanços em outros temas e problemas, não ficando só no imediato, realizar uma primeira previsão dos conteúdos, envolver todo o grupo no trabalho, avaliar o que sabiam o que estão aprendendo (avaliação inicial, formativa e final).

Começo com a temática “Onde moro?” mas o fio condutor é a identidade do aluno,

as experiências de vida que carregam. Neste primeiro momento o foco é a localização. As primeiras análises de espaço feita pela criança devem ser simples e ter como objeto os espaços cotidianos. (ANTUNES; MENANDRO; PAGANELLI, 1993).

Começamos então com um passeio para observação da localização da vizinhança da escola ao mesmo tempo os alunos, faziam as observações da localização de suas casas, visto que pertencem a quatro comunidades diferentes.

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível do desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. (SAMUEL, 1989, apud FONSECA, 2003, p. 153).

Tem início o processo de conhecimento local. Surge algumas curiosidades em relação a ter poucas casas na vizinhança e que havia muitas indústrias. A avenida era muito bonita, mas muito movimentada, chamou a atenção uma igreja evangélica e o prédio da sociedade de canto, muito antigo, mas bem cuidado. Existe nestas observações um legado da cultura alemã (industrialização, sociedade e religião) que mais tarde estabelece os vínculos deles morarem nesta cidade. A partir de agora era através do planejamento e dos objetivos que transformaria os conteúdos em ligação com a vida dos alunos.

Estabelecer referências, buscar intencionalidades foi um aspecto constante nas minhas reflexões. Daí em diante não abandonei a crença de que toda ação pedagógica deve estar sustentada por pressupostos teóricos que explicitem concepções. Os pressupostos teóricos estabelecem as diretrizes do trabalho, definindo procedimentos e estratégias metodológicas. Em outras palavras, planejar é a constante busca de aliar o 'para quê' ao 'como', através da qual a observação criteriosa e investigativa torna-se, também, elemento indissociável do processo. Os 'pressupostos' expressam a fundamentação teórica; são os alicerces, as referências para a prática, representando as metas e, até, os ideais. Por sua vez, os 'princípios' são necessários para garantir a aproximação da prática aos ideais e vice-versa.

Tornam-se uma forma de promover a reflexão sobre a ação, sinalizam a aproximação ou não aos ideais. Um bom exercício é pensarmos quais são as nossas concepções, elegendo alguns eixos como 'sociedade, homem, conhecimento, educação, aprendizagem, currículo e cultura'. (RODRIGUES, 2001, p. 3).

As intenções do que pretendia trabalhar se transformaram em objetivos a serem cumpridos em torno de nove semanas. Cada desdobramento teve uma duração de três semanas lembrando sempre da flexibilidade de um projeto. Assim para a primeira etapa tracei os seguintes objetivos:

Desenvolver noção de localização e lateralidade tendo o corpo e a escola como referência.

Saber o nome de sua cidade, de sua rua, o bairro onde mora, o número de sua casa, descrever sua moradia.

Diferenciar outros modos de vida e suas casas.

Problemas de moradia, preço de imóveis, pessoas sem teto.

Comparar as pinturas de Alfredo Volpi, com as casas atuais (tempo social)

Antunes, Menandro e Paganelli (1993), sugerem que na análise da organização espacial das moradias, além de observar os materiais que são feitas as construções e o aproveitamento nelas dos recursos naturais, a criança deverá ser incentivada a observar as diferentes formas dessas habitações, conforme as condições sócios-econômicas dos grupos sociais que nelas vivem. Assim ao falarem de suas casas, é preciso que três aspectos sejam valorizados: o que há na casa, como é a construção e quem vive nela. As crianças assim vão percebendo que há relação entre o tipo de moradia e as condições de vida de seus moradores.

A partir do trabalho da casa de cada um, desde a localização, até do que é feita os alunos produziram materiais diversificados para tratamento das informações tais como: gráficos, representação da sua casa com material de sucata, descrição escrita. A partir de suas condições de vida, também compararam outras casas e outros modos de vida: oca, iglu, palafita, pensando da mesma maneira, o que há na casa, como é a construção e quem vive nela.

Passamos então para a segunda etapa do projeto com duração prevista em torno de três semanas, desta vez voltado para as pessoas que moram nas casas dos alunos e por isso recebeu o nome de: “Com quem moro e convivo?” visando estes objetivos:

Quem são seus pais (origem, trabalho).

Os pais de seus pais.

Seus irmãos.

A posição que ocupa em relação aos irmãos.

Famílias de antigamente como viviam (Pintura de Rugendas)

A criança deste muito cedo encontra-se participando de um grupo social que é a família. É no cotidiano familiar que estabelece suas primeiras relações com as pessoas e o meio ambiente. É onde aprende os comportamentos básicos para a sua vida em sociedade. (ANTUNES; MENANDRO; PAGANELLI, 1993).

Nesta etapa do trabalho, tem início um livro de registro individual, para tratamento

das informações e ao mesmo tempo contar a história de vida de cada aluno. A história começa com o que vem antes deles, ou seja seus pais. Precisaram resgatar as cidades de origem dos pais, como eles se conheceram e também fazer uma descrição dos pais. Depois foi a vez dos irmãos. Ao mesmo tempo faziam comparações entre as famílias da sala de aula vendo suas diferenças e semelhanças, a partir de materiais coletivos tais como: gráfico e cartazes.

Chegamos a terceira etapa do projeto. A temática agora era “Por que moro aqui?” Os objetivos eram estes:

Pesquisar os motivos pelos quais moram em São Leopoldo.

A origem da cidade.

O Rio dos Sinos.

A localização.

Saída de campo para conhecer a cidade.

Sistematizar os conhecimentos dos pontos visitados.

Pintura da chegada dos alemães (Ernst Zeuner)

Neste último desdobramento do projeto, intensifiquei as pesquisas das histórias de vida dos alunos, a fim de estabelecer elos entre as vidas das crianças e o fato de morarem na cidade. As buscas do passado aconteceu através da própria memória, pela memória oral dos familiares e pelos registros escritos ou de objetos.

A memória individual se expressa através do relato de uma pessoa sobre fatos, pessoas ou coisas passadas que ela tenha testemunhado ou que ela ouviu contar através de outros. Esse relato pode ser oral ou escrito. Já a memória coletiva se refere ao conjunto de relatos orais, gravuras, ilustrações, objetos e outras fontes de domínio público, ou seja todo o acervo documental e iconográfico de que dispõe uma comunidade sobre o seu passado. (ANTUNES; MENANDRO; PAGANELLI, 1993, p. 110).

O livro sobre a história de vida dos alunos começa a se tornar rico com as informações que conseguem. Ao mesmo tempo que pesquisam suas vidas, vão aprendendo que a história de uma cidade, também é contada por diferentes fontes de memórias.

Durante este projeto foi possível conhecer as condições sócio-econômicas dos meus alunos, os valores de suas famílias e as marcas de suas infâncias, não somente pelos materiais que produziram, mas também no saber escutar “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. (FREIRE, 1996, p. 113).

A postura dos alunos em busca das informações, demonstrou a responsabilidade na própria aprendizagem durante o projeto, enquanto professora eu não tinha as repostas, era uma facilitadora do processo. (HERNÁNDEZ; MONTSERRAT, 1998).

As possibilidades de integrar a partir de suas histórias de vida os conteúdos, trouxe um saber articulado em várias áreas do conhecimento como relato no próximo capítulo.

4 A INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDOS E AS RELAÇÕES COM A VIDA DOS ALUNOS

Para Arroyo (1994, apud XAVIER, 2003), é preciso redescobrir o vínculo entre a sala de aula e a realidade que a cerca. O processo de aprendizagem ocorre de forma globalizada. A aprendizagem é decorrente da participação, da vivência de sentimentos, da tomada de atitudes. Ensina-se pelas experiências, pelas problematizações e pela ação.

Neste capítulo estarei abordando como foi possível a globalização dos conteúdos, com o tema de estudos sociais e as relações com a vida dos alunos.

4.1 O letramento

Soares (2001), considera que letramento não é só aprender a ler e escrever, mas que um indivíduo letrado faz uso da leitura e escrita socialmente como meio de se comunicar e se expressar. Não basta apenas ler e escrever é preciso interagir com os diferentes portadores de leitura e escrita que circulam na sociedade.

O que percebia com meus alunos era uma verdadeira aversão a leitura. Carvalho (2005), explica esta aversão como consequência da criança após vencer a dificuldade inicial da alfabetização não ter contato o bastante com a escrita para tornar-se letrado, não ganhando fluência. Também pesquisei com meus alunos o que entendiam por texto. Da fala deles concluí que texto é quando tem muita coisa escrita no quadro para copiar e depois tem umas perguntas para responder. Então dentro da temática identidade precisava que reconstruíssem suas ideias sobre leitura e escrita. Para chamar a atenção dos meus alunos sobre a nossa cidade e ao mesmo tempo desenvolver o gosto pela leitura, aproveitei a propaganda que estava passando na televisão sobre o aniversário de Porto Alegre e fiz uma paródia da música “Porto Alegre é demais!” trocando para “São Leopoldo é demais!” E como tema tinham que pesquisar com os pais o significado de certas expressões que apareceram na paródia: capilé, parque industrial e Aimoré. No outro dia socializaram as respostas, num clima bem descontraído tirando a tensão de leitura oral. As relações com a vida dos alunos: a escola está situada num parque industrial, capilé é como chamamos quem nasce ou mora em São Leopoldo e Aimoré é o nome do time da cidade, curiosamente o pai de um aluno fez parte deste time.

O desafio de escrever um livro. Quando falei para meus alunos que escreveriam um livro sobre a vida deles, parecia uma missão impossível. Mas quando eles foram escrevendo uma página por semana depois de terem pesquisados os dados em casa dentro do contexto trabalhado, (mãe, pai, irmãos...) eles mesmo me cobravam que queria escrever no livrinho. Antes de partirem para a escrita os alunos socializavam os resultados de suas pesquisas. Liam com o maior prazer suas respostas. O livro sobre a vida dos alunos resignificou a escrita, se sentiam seguros para escrever, já que conheciam o assunto.

Texto em sequencia. Enquanto trabalhava com a temática as pessoas com quem moro e convivo, especificamente na parte dos irmãos, selecionei um texto de Elias José: "A grande novidade". Combinamos que seria trabalhado em três partes em dias diferentes: uma parte eles copiavam, outra eu contaria oralmente e a última parte receberiam digitada. Este texto fala de quando vão contar para uma criança que a mãe vai ter um irmãozinho, é narrado como se a criança estivesse falando relatando seus sentimentos. Passar em partes provocou curiosidade. Também copiar, ouvir oralmente e ler, exigem habilidades diferentes. Cada aluno falou se gostaria ou não de ter mais irmãos, assunto da realidade de todos. Os alunos fizeram uso da escrita ao final de cada parte do texto tentando adivinhar o que aconteceria.

4.2 Matemática

A temática onde moro remeteu para a casa de cada aluno, que além de relacionar a localização e descrição trouxe várias questões que puderam ser discutidas com os alunos em muitas delas a matemática esteve presente. Demo (2006), considera a matemática como uma necessidade para a formação do cidadão, justificando que o mundo ao redor de nós envolve-se cada vez mais em linguagens matematizadas. E que ela é essencial para "ler" a realidade e que precisa ser significativa. Como eu já havia anotado todos os números das casas dos alunos, foi fácil preparar atividades com eles.

Com os números das casas da turma os alunos ordenam os números em ordem crescente, escreveram quem tinha o menor número e o maior número. Fizeram cálculos de diferença entre duas casas de colegas e escreveram uma história matemática com o número de sua casa e de outro colega. Nesta atividade além do conceito de número

maior e menor também foi necessário atividades envolvendo a linguagem como escrever o nome do colega, e construir uma história matemática. Depois os alunos tiveram que procurar nos classificados de um jornal na parte de imóveis os preços de aluguéis e vendas, recortar o imóvel selecionado, colar numa folha, colocar o preço, a cidade e dar a opinião sobre o que achou. Desta forma a matemática além de estar integrada a temática do projeto ainda trouxe questões para reflexão sobre preços de imóveis, a dificuldade em se adquirir uma casa própria. O próprio uso dos classificados é também uma forma de letramento dentro da matemática.

4.3 Artes

“O encantamento do faz-de-conta vira teatro e deixa-se conduzir com um novo significado, isto é, representar com parceiros uma história fictícia para outros”. (GUERRA; MARTINS; PICOSQUE, 1998, p. 133).

Enquanto estudávamos a temática com quem moro e convivo, fiz uma proposta para os alunos de eles criarem uma história sobre acontecimentos importante na família e representar em forma de teatro, a escolha da forma ficaria a critério do grupo: bonecos, pessoas ou fantoches. Além de explorar os valores das famílias dos alunos, também mostrava a importância de fazer as anotações por escrito, pois precisavam escrever em uma folha o que precisariam de materiais, quantos personagens, a história com suas falas e o papel de cada um. A turma a princípio sentiu-se insegura pois pensaram num teatro com palco, cortinas e roupas próprias. Então conversei com eles que teatro é uma brincadeira de faz de conta, precisariam usar a imaginação e a criatividade. O resultado do trabalho veio depois de duas semanas quando apresentaram uns para os outros. Mais tarde a folha nas quais fizeram as anotações serviu para reconstruir a escrita na maneira formal de apresentar diálogo. Foi possível associar a temática identidade com artes, valores na família, além das diferenças entre linguagem oral e escrita.

4.4 Ciências

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-afazer se encontram um no corpo do outro”. (FREIRE, 1996, p. 29).

Estudando sobre o bairro, os alunos fizeram uma pesquisa de levantamento da infraestrutura dos bairros onde moram. Entre outras coisas abordava se havia rede de esgotos, água encanada, coleta de lixo e coleta seletiva. Para aprofundar mais a questão da água encanada, retomamos a questão do tratamento da água desde que é captada no Rio dos Sinos até chegar nas casas. Então criei uma nova problematização: “de onde vem a água do rio?” A resposta foi da chuva, mas com muitas dúvidas. Teve quem disse que ouviu que era de um lugar mais longe, mas que não lembrava o nome. Os alunos foram desafiados a pesquisar na aula de informática de onde vem a água do rio. Ao ver imagens tão bela da nascente do rio, se perguntavam como a água podia ficar tão suja. Além de integrar a temática do projeto, através das ciências, foi possível refletir sobre a intervenção humana na natureza.

4.5 Tecnologia

A escola está desajustada sempre face ao mundo que vivemos. Mas atualmente os desajustamentos são muito maiores devido ao período de transformações como é o caso da revolução da informação. (SANTOMÉ, 2000).

Esta entrevista com Santomé, feita no ano 2000, muita tem a dizer sobre o funcionamento dos laboratórios de informática nas escolas. Somente a partir do final de abril deste ano, é que realmente começou a funcionar o laboratório de informática na escola em que trabalho com acesso a internet sem fio, a utilização do laboratório ocorre por agendamento uma hora por semana. Através da informática foi possível integrar os conteúdos de várias formas. Os alunos pesquisaram na internet a cidade de seus pais, para depois escreverem sobre elas. Construímos também um blog em conjunto com o outro quarto ano, a fim de registrarmos situações vivenciadas pelas turmas, além de incentivar a escrita. Pesquisaram a cidade que moram e seus pontos turísticos, bem como a nascente do Rios dos Sinos, a origem do nome e a situação crítica das águas em função da poluição.

Enquanto trabalhava com o projeto pensava nas muitas possibilidades que se abria para integrar os conteúdos. Buscava muito auxílio com os pais, que se tornaram grande

parceiros. No próximo capítulo falarei da participação dos pais no projeto.

5 QUESTIONÁRIO COM OS PAIS DOS ALUNOS

Realizar um trabalho considerando a vida dos alunos, só foi possível com a ajuda dos pais que colaboraram através das pesquisas que enviava pelos alunos como tarefa de casa. O que eu observava é que os alunos nunca deixavam de fazer estes temas, começavam a aula ansiosos para socializarem as respostas e saber o que faríamos depois. Eu como professora tinha grande satisfação de ver o envolvimento da turma no projeto, mas para os pais, como foi ter que se envolver nas atividades dos filhos? Gostaram? Conseguiram arranjar um tempo para isso? Se sentiram incomodados? Pensando em conhecer o pensamento dos pais é que elaborei um questionário para ser aplicado com eles.

5.1 A voz dos pais

Para a aplicação do questionário, aproveitei o dia da entrega de boletins e disse aos pais que estava fazendo um convite para quem quisesse participar de uma pesquisa sobre a participação deles, nas atividades sobre a vida dos filhos. Expliquei que era um trabalho que eu estava fazendo para a faculdade. Os que aceitassem participar assinavam a autorização que estava comigo, levavam as perguntas para casa e depois me mandariam pelos filhos, não havendo a necessidade de escrever o nome, somente uma identificação com duas letras. Fui bem cautelosa, ao explicar que ninguém era obrigado a participar, até porque sei que alguns pais possuem pouca escolarização e poderiam se sentir constrangido. São dezesseis alunos que participaram do início ao fim do projeto, destes, dois pais não compareceram para pegar o boletim porque trabalham a noite e mandaram um representante (tios), então não tinha como pegar autorização. Uma família tinha viajado por motivo de luto e uma mãe não quis participar. Doze pais levaram a entrevista e onze entregaram de volta.

A pesquisa foi respondida por dois pais e nove mães. Os pais se sentiram surpresos com as perguntas dos filhos sobre a própria história de vida, mas ao mesmo tempo acharam maravilhoso. Um dos entrevistados acrescentou que a atividade foi uma maneira da criança incluir os pais na educação escolar. Falar sobre eles mesmos para os

filhos mexeu com as lembranças e ao mesmo tempo foi uma maneira de ver o que a criança estava fazendo na escola. Um dos entrevistados acrescentou que é muito interessante que os filhos saibam as origens dos pais. Para a maioria dos pais os filhos gostam muito de comentar as atividades que fazem em aula além de virem felizes para a escola. Para dez dos entrevistados a aprendizagem dos filhos apresenta muito progresso. Um dos entrevistados acrescentou que embora seu filho tenha progredido pouco, melhorou muito comparado com o ano passado. Nove pais, consideram que a escola deveria trabalhar sobre a história de vida dos alunos, um entrevistado colocou que dificulta para os pais porque tem pouco tempo para ajudar os filhos. Outro acrescentou que o trabalho é interessante para os alunos porque eles gostam de fazer. Das atividades realizadas com os alunos, nove considerou que o livro da própria história foi o que mais chamou a atenção, um achou o livro de receitas e outro disse que todas.

Eu fiquei surpresa com a disponibilidade dos pais em participar da pesquisa e da rapidez com que me retornaram. Também fiquei sabendo pelos alunos que eles ajudaram os pais na tarefa de responder lendo as perguntas para eles. Fiquei com algumas inquietações, sobre o que é participação dos pais. Consta no Projeto Político- Pedagógico (PPP) da escola a pouca participação dos pais. Acredito ter descoberto uma outra via de participação que não seja somente a presença física na escola dos pais em dias de reunião e promoções, mas proporcionar aos pais atividades em que eles se sintam incluídos na educação escolar dos filhos, aproveitando a fala de um dos entrevistados.

A maioria dos pais apontou que a escola deveria trabalhar as histórias de vida de seus alunos. Para que isso aconteça é necessário que um professor se disponha a fazê-lo. Será que os professores conseguem saber da vida de seus alunos e além disso encontram possibilidades de relacionar com os conteúdos? Este é tema que tratarei no próximo capítulo.

6 QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES

O que pensam outros professores de séries iniciais de relacionar histórias de vida dos alunos e conteúdos formais da escola? Como conhecem a vida de seus alunos? Existe esta preocupação? Conseguem articular a vivência dos alunos com todas as áreas do conhecimento ou só em alguns momentos com algumas áreas? Procurando respostas para estas indagações, realizei um questionário com dezoito professores.

6.1 A voz dos professores

A pesquisa foi realizada com educadores de três diferentes realidades dentro do município de São Leopoldo. Com professores de uma escola municipal com ensino fundamental completo e outra com os de ensino fundamental até 5ª série. Também participaram os professores de uma escola estadual que atende crianças com necessidades educacionais especiais. Larguei os questionários nas escolas e depois de cinco dias passei para buscar com as supervisoras ou secretários. Dos vinte e um questionários retornaram dezoito.

Os professores que participaram da pesquisa exercem a profissão no mínimo a 6 anos e a maioria possui mais de 15 anos de exercício da profissão. Trabalham com turmas de diferentes anos, concentrando mais no 1º e 2º ano. Para conhecer a vida de seus alunos a maioria conversa diretamente com eles, alguns fazem pesquisas com a família. Somente dois dos entrevistados dizem que além das duas situações citadas incluem as datas comemorativas. Um acrescentou que várias vezes durante o ano chama os pais para conversar e outro que também busca trocar ideias com colegas. Um trabalho voltado para o que fez e faz parte da vida do aluno é mais significativo para o aluno na opinião de quase todos os entrevistados. Um acrescenta que o aluno é o protagonista e que as atividades só fazem sentido se forem voltadas para eles. Relacionar as histórias de vida dos alunos com os conteúdos escolares é fácil para a maioria que procura sempre estabelecer estas relações e para alguns é possível em alguns momentos. A maioria concorda que é possível relacionar o cotidiano dos alunos com os conteúdos escolares em todas as áreas do conhecimento. Para um a arte é área mais fácil de relacionar. Um

exclui português, dois matemática e outras ciências. Dos professores entrevistados, três são novos na comunidade que trabalham com menos de um ano. Os demais são antigos variando entre 4 e 23 anos.

Os professores acreditam nas possibilidades de relacionar histórias de vida dos alunos com os conteúdos escolares e no significado que traz para o aluno. Também observei que em todas as respostas os educadores procuram de alguma forma conhecer sobre a vida de seus alunos. Entretanto, através das respostas percebo que o relacionar histórias de vida dos alunos com os conteúdos formais da escola, acontece de forma fragmentada. As respostas ficaram incoerentes. Pois se é fácil relacionar histórias de vida e os conteúdos, então não pode acontecer só em alguns momentos, é preciso um projeto de trabalho que permita acontecer de forma globalizada, intencional. Através do trabalho que desenvolvi com meus alunos constatei que não é possível saber sobre a vida deles somente em conversa direta, como respondeu a maioria dos professores entrevistados, pois também tem a parte das memórias através de relatos orais, escrita e de objetos que muito falam do aluno, portanto precisa existir a pesquisa com a família.

Partir da história de vida do aluno, não significa esquecer o papel que cabe a escola, ou seja, apresentar os conteúdos formais e sistematizá-los para apropriação do aluno. O próximo capítulo mostra como trabalhar a partir do que o aluno sabe e a importância da troca no trabalho em grupo.

7 A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

Cabe ao professor trazer ao aluno as informações e conhecimentos produzidos historicamente e disponíveis. Não se trata simplesmente de repassá-los mecanicamente, uma vez que o papel da escola é permitir a apropriação crítica, duradoura e significativa do conteúdo. Esta compreensão permite redefinir a essência da atividade de ensino como um processo de mediação. Compete ao professor ser o mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento criando possibilidades para levar os alunos as fontes de conhecimentos existentes na sociedade. (PAPI; NADAL, 2007).

Os alunos fazem suas produções de acordo com seu cotidiano, por vezes diferente da forma aceita socialmente, neste capítulo exemplificarei de como a partir da produção do aluno, proporcionar uma intervenção pedagógica para possibilitar a reconstrução do saber e a importância do trabalho em grupo.

7.1 A formalização dos conteúdos

Percebendo que existia algumas dificuldades dos alunos em relação a compreender as diferentes apresentações da escrita, fiz a proposta que enquanto estavam organizando o teatro sobre famílias, os grupos fossem anotando as decisões num papel. Um dos motivos era para não esquecer os materiais necessários, a fala dos personagens e o papel de cada um já que este trabalho duraria vários dias. Ao mesmo tempo fazia as observações de como anotavam as falas, e escreviam os textos no geral. Na figura 1 exemplo de parte da escrita de um dos grupos.

Na manhã de domingo era o aniversário da Maria
 daí a Rogaela e a Ana Joara resolveram no
 sem sede para fazer um surpresa para Maria
 ela ganhou muitos presentes e recheada com os
 amigos.
 Gustavo e Rontone Nunes foram chamar a
 mensagem para aniversário de Maria quando
 ela chegou se emocionou e pediu muito obrigado
 todos.

Figura 1 – Escrita livre dos alunos.

Neste grupo percebe-se o uso de letra maiúsculas no início de frases e nos nomes de pessoas. Uma ideia de parágrafo, pontuação e alguns erros de ortografia. Anotaram quem fazia os personagens, mas a história está sendo narrada e não dialogada. Não foi muito diferente nos outros grupos e as falas saíram um pouco improvisada.

Mais tarde, a turma foi convidada para apresentar o teatro para toda a escola. Como seria uma representação da turma juntei as ideias de cada grupo e fiz uma única história. Apresentei a maneira correta de escrever diálogo. Sistematizamos este conhecimento. As produções textuais dos alunos contemplaram este novo saber, conforme o exemplo abaixo, figura 2.

Amilto Rodrigues depois de fugir foi
 com o seu amigo João de Almeida.
 - No mesmo dia apareceu um saca-
 le. Pesquisamos como se podia pegar.
 Rafael falou:
 - Vou fazer um caféinho ali na
 l. João pediu para o caféinho ali na
 l. Era de mais ele apareceu e ele
 l. Pegou o caféinho fumou e saiu.

Figura 2 – Escrita formalizada.

“[...] o ensino dos conteúdos, criticamente realizados, envolve a *abertura* total do professor ou da professora, a tentativa legítima do educando para tomar em suas mãos a responsabilidade de sujeito que conhece”. (FREIRE, 1996, p. 125).

Foi a partir da maneira livre como os alunos organizaram sua escrita que pude acrescentar novos elementos, valorizando tudo o que já sabiam. Também serviu como norteador para programar estudos de dificuldades ortográficas.

7.2 O trabalho em grupo

Através das relações em sala de aula professor-aluno, aluno-colegas é que estarão estabelecidas as condições favoráveis ao desenvolvimento da socialização da criança. Neste trabalho cotidiano de relacionamento grupal baseado em regras comuns a todos, é possível possibilitar a criança encontrar sua identidade social. A prática pedagógica deve considerar o respeito as diferenças raciais, culturais e sociais. (ANTUNES; MENADRO; PAGANELLI, 1993).

Ao trabalhar as histórias de vida dos alunos, encontrei uma turma que se encaixa no perfil descrito no Projeto Político-Pedagógico da escola sobre as características dos nossos estudantes no que diz respeito a heterogeneidade sócio-econômica e de individualidades bem como multiplicidade racial e etária. Entretanto estas diferenças é que fazem deste um grupo único. Quando se estabelece as regras comuns e se respeita, a criança se sente parte do grupo. As próprias regras de convivência foram elaboradas com a participação da turma. Para os trabalhos em grupo também foram feitos acordos para a sua organização: em duplas, pela escolha livre dos alunos e ocasionalmente por sorteio. As diferentes habilidades dos alunos trabalham em conjunto para alcançar um determinado objetivo proposto, assim são eles também mediadores no processo de ensino-aprendizagem quando agem fazendo intervenções uns com os outros.

Das muitas anotações que fiz enquanto observava os alunos trabalhando em grupo repetiu-se muito a situação que quando um corrigia a escrita do outro, precisavam sempre confirmar comigo. Outra observação importante foi que os alunos que corresponde idade e ano escolar apresentam leitura fluente portanto conseguem compreender claramente as instruções escritas mas não possuem as mesmas noções de espaço e habilidades manuais dos alunos maiores. No trabalho em grupo eles mesmos conseguiam tirar as dúvidas e perceber quem detinha mais determinado conhecimento. No final sempre fazíamos uma avaliação do trabalho, procurando soluções quando surgia algum problema visando um encaminhamento para a autonomia, ou seja, agir por si e assumir os riscos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo quando iniciei o curso de pedagogia á distância na UFRGS. O que teria acontecido se não fosse levado em consideração o grupo, que por suas características, se diferencia dos demais alunos do curso presencial da universidade? Provavelmente haveria uma grande desmotivação gerando um alto índice de evasão. No entanto, á medida que tivemos as devidas considerações como alunos do PEAD que é um grupo formado por professores que exercem profissionalmente suas funções, têm responsabilidades familiares, uma experiência de vida e pouca familiaridade com a tecnologia, embora o começo tenha sido difícil, foi o que nos manteve firme no propósito de seguir adiante. Lembro da fala dos nossos coordenadores do curso professores Leonardo e Cíntia que estavam aprendendo muito com a nossa prática. “[...] exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos”. (FREIRE, 1996, p. 59).

Deste difícil começo no PEAD que considerou os seus sujeitos, as nossas histórias de vida também se fizeram presente em vários momentos, em diferentes interdisciplinas, entretanto não ficamos só nisso mas a partir disto produzir reflexões, apropriar-se da tecnologia, conhecer teorias e repensar a prática pedagógica.

Enquanto aluna me reinventava e tomava coragem para construir projetos com os meus educandos, com outras perspectivas, com novos olhares na minha prática educativa. Destes meus projetos aplicados uma vez por semana em turmas diferentes é que fui observando e aprendendo a importância de valorizar as histórias de vida dos alunos mais que isso, as muitas possibilidades de relacionar as vivências com os conteúdos escolares. Aprendia de diferentes maneiras: quando pedia uma foto do lugar onde moravam ou de quando eram crianças, quando representavam através de jogos teatrais os seus valores, quando desenhavam os sonhos para o futuro. Linguagens não faladas, mas trazendo muitas informações aos meus olhos atentos.

A aplicação dos projetos visava artes, meio ambiente e ensino religioso, mas permitiu inúmeras possibilidades de relacionar a linguagem e a matemática dentro do contexto trabalhado. Como seria então aprofundar as histórias de vida dos alunos numa regência de classe tendo conteúdos específicos, aonde encontraria estas possibilidades?

Foi preciso debruçar-me sobre os conteúdos formais, selecioná-los, pensar nos objetivos que queria alcançar e como faria isto. Somente através de um projeto de

trabalho é que as possibilidades de relacionar os conteúdos e as histórias de vida dos alunos se tornaram possíveis.

Na pesquisa que realizei com os professores, tentei avaliar na questão número quatro o efeito que um trabalho voltado para o que fez e faz parte da vida do aluno produziria. Recebi como resposta da grande maioria que é mais significativo para o aluno. Estrategicamente coloquei na segunda alternativa que é muito trabalhoso para o professor que precisa elaborar materiais específicos. Nenhum dos meus entrevistados utilizou esta opção, entretanto eu afirmo que se por um lado trabalhar histórias de vida é mais significativo para o aluno, para o professor significa ter que elaborar materiais diferentes de acordo com a proposta e neste caso muitas vezes foi necessário adaptar atividades encontradas nos livros, fazer pesquisa específicas, criar textos, envolver a realidade presente no coletivo e na individualidade. Ao mesmo tempo respeitar os conteúdos das séries e integrar nas diferentes áreas de conhecimento. Portanto é mais trabalhoso para o professor que precisa planejar muito bem todas as ações.

Através do projeto aconteceu a globalização permitindo a integração de conteúdos em todas as disciplinas. Mais do que isso possibilitou aos pais dos alunos participarem efetivamente como grandes aliados na educação escolar dos seus filhos. Conforme o artigo publicado na revista Nova Escola (2009), os pais esperam ação dos professores que por sua vez depositam expectativas nos pais que eles não tem como cumprir. Acaba por gerar alguns mitos que envolvem a relação escola e família. Um destes mitos seria que a família é responsável pelo aprendizado escolar dos filhos. Em parte é uma verdade, pois tanto escola quanto família devem educar, mas com objetivos, conteúdos e focos diferentes. De um lado é preciso conhecer os pais saber onde e como vivem, e identificar seus saberes, mas de outro lado a escola não pode esquecer do seu papel: o de oferecer o conhecimento sistemático.

Os pais caminharam junto comigo auxiliando nas informações dos filhos, cobrando que os temas estivessem sempre feitos. Do outro lado eu cobrava e valorizava o tema feito e a participação dos pais que colaboravam na pesquisa de dados. Passei a frustração de ter somente dois pais na primeira reunião do ano e a alegria de na última entrega de boletins, um comparecimento em massa. Isto prova que o trabalho com as histórias de vida dos alunos trouxe dois pontos positivos: a melhora dos alunos na leitura e na escrita e a participação dos pais que ficaram envolvidos nos processos de aprendizagens de seus filhos, automaticamente a grande maioria dos alunos consegue resultados satisfatórios na avaliação.

Como professora foi impossível trabalhar as histórias de vida dos alunos e ter passado imune a minha própria infância e a minha história. Enquanto os alunos contavam suas histórias também contava as minhas e lembrava de muitas situações que eles vivenciam pelas quais passei: luto, doença prolongada de familiares, perda do animal de estimação, férias na casa da vó. A diferença é que se em outros tempos a escola silenciava nestas questões, pelos menos aos meus alunos eu pude proporcionar momentos de dividirmos juntos alegrias e tristezas como convém a uma escola que deseja preparar para a cidadania.

Queremos ter uma escola viva, em que se viva a cidadania e não uma escola onde se sonhe um dia ser cidadão. A infância já cidadã, é ser vivo, a ser cultural já, é ser social já. E enquanto ser social que já é, na medida em que ela viver com mais intensidade e que ela é, estará se preparando para um dia viver com intensidade futuras idades, futuras fases de sua vivência, de sua formação. Portanto, ao invés de dizer: vamos preparar a criança para um dia ser cidadão preferimos dizer: a criança já é cidadão. Construamos dia a dia da escola como uma maneira digna de cidadãos, de sujeitos de direitos. (ARROYO, 1994, p. 5).

Para construir esta escola digna de cidadãos como nos fala Arroyo, é muito importante a criança saber quem ela é, sua identidade. Através do trabalho da identidade que foi o grande fio condutor do projeto, muitos preconceitos foram superados em relação as questões étnico-raciais e a inclusão. Entretanto a grande superação foi em relação aos alunos que passaram pela experiência frustrante da repetência. Mostraram para a família, para a escola e para eles mesmos, que não estavam fadados ao fracasso porque repetiram em algumas das séries. Foram eles a representar a escola na semana da educação no município, alegrando a todos com o teatro que nasceu na sala de aula.

Igualmente promovemos uma manhã cultural na nossa sala de aula, onde mostraram para professores e alunos da escola o livro que escreveram sobre suas vidas e as diferentes pesquisas que tiveram que realizar para buscar dados.

Estes são exemplos da mais pura cidadania. Neste espaço de escola cidadã perde força a agressividade, o desinteresse e o fracasso escolar, favorecendo a aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Aracy do Rego; MENANDRO, Heloísa Fesch; PAGANELLI, Tomoko Iyda. **Estudos sociais – teoria e prática**. Rio de Janeiro: ACCESS, 1993. p. 10-24-110.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **O significado da infância**. Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994. 6 f. (Texto digitado).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 48. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>> Acesso em: 23 set. 2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 89-100.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. Disponível em: <[Didática e prática de ensino de história](#)> Acesso em: 15 out. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 29-59, p. 113-125.

GUERRA, M. Terezinha Telles; MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Didática do ensino da arte**. São Paulo: FTD, 1998. p. 133.

HERNÁNDEZ, Fernando; MONTSERRAT, Ventura. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. In: _____. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes; NADAL, Beatriz Gomes. O trabalho de ensinar: desafios contemporâneos. In: NADAL, Beatriz Gomes (org). **Práticas pedagógicas nos anos iniciais: concepção e ação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. 182 p. Disponível em: <[Práticas Pedagógicas nos anos iniciais: concepção e ação](#)> Acesso em: 15 out. 2010

POLATO, Amanda. Sem culpar o outro. Escola ou família, que é a culpada? **Nova Escola**. v. 225, set., 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/culpar-outro-497466.shtml>> Acesso em: 23 out. 2010

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. Planejamento: em busca de caminhos. In: XAVIER, Maria Luisa; DALLA ZEN, Maria Isabel (Orgs.). **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. 5 f. (Texto digitado)

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Jurjo Torres Santomé em entrevista “a Página”. Universidade da Corunha, Galiza, Espanha, 2000. **Jornal a Página da Educação**. Nº 87 p.11 Entrevista conduzida por Ricardo Jorge Costa. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=87&doc=7888&mid=2>> Acesso em: 9 out. 2010

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Autêntica: Belo Horizonte, 2001.

XAVIER, Maria Luisa Merino. Introduzindo a questão do planejamento: globalização, interdisciplinaridade e integração curricular. In: _____ & DALLA ZEN, Maria Isabel (orgs.). **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. p.10-14.

ZÍLIO, Cátia. Normas para citações de documentos encontrados na Internet. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <elsa.martins@ibest.com.br> em 15 jul. 2010.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DOS PAIS

Eu.....,
autorizo a utilização dos dados fornecidos no questionário preenchido para fins de pesquisa sobre história de vida dos alunos e conteúdos formais da escola.
Por outro lado a pesquisadora Elsa Martins, aluna do curso de Licenciatura de Pedagogia da UFRGS, modalidade à distância, compromete-se a manter sigilo e preservar os dados que possam identificar os entrevistados.

São Leopoldo,.... de 2010

Assinatura:_____

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DOS PROFESSORES

Eu.....,
professor(a) de séries iniciais, autorizo a utilização dos dados fornecidos no questionário preenchido para fins de pesquisa sobre história de vida dos alunos e conteúdos formais da escola.
Por outro lado a pesquisadora Elsa Martins, aluna do curso de Licenciatura de Pedagogia da UFRGS, modalidade à distância, compromete-se a manter sigilo e preservar os dados que possam identificar os entrevistados.

São Leopoldo,.... de 2010

Assinatura:_____

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DOS PAIS

Coloque somente duas letras para identificar o nome.

Nome.....

Idade.....

1) Em relação ao(a) aluno(a) que estuda na 4 a 1 você é:

pai mãe responsável

2) Quando seu (a) filho (a), começou a chegar em casa lhe perguntando sobre a própria história de vida você:

Ficou surpreso

Não entendeu muito bem porque precisava responder tanta coisa

Achou maravilhoso pois também era uma forma de participar da vida dele

Outros: _____

3) Quais foram seus sentimentos ao falar com seu(a) filho(a) sobre os seus sonhos, sua cidade natal, sua profissão, entre outras coisas:

Mexeu com minhas lembranças

Foi um momento de aproximação entre nós

Foi uma maneira de ver o que ele estava fazendo na escola

Outros: _____

4) O que você nota no seu(a) filho(a) em relação a escola neste ano:

Vem feliz para a escola

Gosta muito de comentar as atividades que faz em aula

Pouco fala sobre a sua vida escolar

Outros _____

5) Na sua avaliação a aprendizagem de seu(a) filho(a) no atual ano:

Apresenta pouco progresso

Apresenta muito progresso

Nenhum progresso

Outros: _____

6) Na sua opinião, trabalhar sobre a história de vida dos alunos na escola:

Deveria acontecer sempre, pois envolve a participação dos pais

Dificulta para os pais, porque têm pouco tempo para ajudar filhos

Melhora o entendimento dos alunos das aulas

Outros: _____

7) Das atividades realizadas com seu(a) filho(a), qual a que lhe chamou mais atenção:

Blog

Livro de receitas

Livro da própria história

Outros: _____

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

Para o nome coloque apenas duas letras.

Nome.....

1) Tempo que atua como professor (a):

- De 0 a 5 anos
- De 6 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- Mais de 15 anos

2) Em que ano você atua: (Caso trabalhe em dois turnos, considere apenas uma turma para a pesquisa, se atualmente não estiver em regência, tome a última turma como referência)

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- 4º ano
- 5º ano

3) Como você conhece sobre a vida de seus alunos:

- Em conversa direta com eles
- Através de pesquisas feitas com eles com a ajuda da família
- As datas comemorativas tais como: dia das mães, dos pais..permite conhecer sobre a vida deles
- Não tenho esta preocupação

Outros: _____

4) Um trabalho voltado para o que fez e faz parte da vida dos alunos:

- É mais significativo para o aluno
- É muito trabalhoso para o professor pois precisará elaborar materiais específicos
- Não muda muita coisa, pois quem quer, aprende de qualquer maneira
- Só em possível na fase de alfabetização (2º ano)

Outros _____

5) Relacionar as histórias de vida de seus alunos com os conteúdos do ano que você trabalha:

- É impossível
- É possível em alguns momentos
- É fácil e procuro sempre estabelecer estas relações

Outros: _____

6) Em qual destas áreas do conhecimento você acha mais fácil relacionar o cotidiano dos alunos e os conteúdos escolares:

- Português
- Matemática
- Ciências
- Estudos Sociais
- Artes
- Todas
- Nenhuma

7) Quanto tempo você trabalha na mesma comunidade?.....

ANEXO A – COMUNIDADE ESCOLAR

A Comunidade Escolar tem características peculiares pois não atende a comunidade local, assim, pela diversidade dos locais de origem dos educandos, alguns não reconhecem a Escola como sua, sendo um grande desafio formar uma Identidade Escolar. Entende-se por comunidade escolar os segmentos: estudantes, família, funcionários, professores e equipe diretiva.

Pelas falas de muitos alunos, é possível constatar que o sentimento deles em relação à Escola é de ser um local “central” da cidade, comparando com os seus locais de moradia, servindo de desculpa para sair de casa e encontrar os amigos. Poucos manifestaram reconhecer a Escola como local de estudo e aprendizagem.

Em levantamentos feitos com os professores, acerca das características dos estudantes da Escola, vários aspectos foram trazidos, principalmente da heterogeneidade sócio-econômica e de individualidades, além de uma multiplicidade racial e etária. A

ANEXO B – FAMÍLIA

Durante o processo de construção do PPP, a comunidade Escolar teve a oportunidade de refletir e delinear os papéis dos diferentes segmentos que a compõem, dentre eles, o papel da família na Escola.

Alguns estudantes consideram que a participação da família na Escola é pouca e precisam de maior interação entre a família e a Escola. Sugerem que se modifique a data e o horário das reuniões, bem como que tenha eventos diversificados e interessantes para os responsáveis. Gostariam que fossem realizadas algumas reuniões onde participassem estudantes, responsáveis e educadores.

Em relação à participação da família no processo Escolar dos educandos, os responsáveis concluíram que é precária, principalmente dos estudantes das séries finais, embora a Escola seja aberta. Sugerem que as reuniões sejam feitas em dias diversificados, inclusive por grupos de séries.